

FATORES QUE INFLUENCIAM A PERMANÊNCIA DAS MULHERES EM UM RELACIONAMENTO ABUSIVO

Ariany Kelly Silva ¹
Ariany Magalhães Leandro ²

Resumo: O relacionamento abusivo parte do controle e da manipulação influenciando diretamente no cotidiano e nas relações das vítimas. Diante disso, a presente pesquisa questionou: quais os fatores levam a permanência das mulheres em um relacionamento abusivo? Assim, tem como objetivo principal identificar os fatores que levam a permanência das mulheres em um relacionamento abusivo e ainda, apresentar a dinâmica do relacionamento abusivo, bem como os aspectos que envolvem este relacionamento, apontar a vivência das mulheres durante a permanência no relacionamento abusivo e descrever os tipos de violência compreendidas em uma relação abusiva. Para conhecimento dessa realidade, foi realizada pesquisa de campo, qualitativa de natureza exploratória e descritiva. A pesquisa teve como base o método indutivo, que é o método de abordagem responsável por fazer generalização que parte de algo particular para uma questão ampla. Para a coleta de dados foram entrevistadas 10 mulheres com idades entre 20 e 50 anos. Como resultados, foram identificados como principais fatores, a falta de apoio da família e amigos, que muitas vezes não acreditam ou até culpam a vítima pelo abuso e a manipulação do parceiro em falar que vai mudar, dependência financeira e emocional. Por meio do estudo, tornou-se possível a compreensão da configuração e dinâmica de um relacionamento abusivo, a noção no aumento constante de casos de violência contra a mulher e o quanto as vítimas são afetadas por essa prática, e os estigmas sociais que as acompanham, em alguns casos pode ocorrer a banalização e a romantização desse tipo de relacionamento.

Palavras-chave: Relacionamento Abusivo. Femicídio. Dependência emocional.

Abstract: The abusive relationship starts from control and manipulation, directly influencing the daily lives and relationships of the victims. Therefore, this research asked: what are the factors that lead to the permanence of women in an abusive relationship? Thus, its main objective is to identify the factors that lead to the permanence of women in an abusive relationship and also to present the dynamics of the abusive relationship, as well as the aspects that involve this relationship, to point out the experience of women during their stay in the abusive relationship describe the types of violence understood in an abusive relationship. In order to know this reality, field research was carried out, qualitative of exploratory and descriptive nature. The research was based on the inductive method, which is the approach method responsible for making generalizations that start from something particular to a broad question. For data collection, 10 women aged between 20 and 50 years were interviewed. As a result, the lack of support from family and friends was identified, who often do not believe or even blame the victim for the abuse and manipulation of the partner in saying that it will change, financial and emotional dependence. Through the study, it became possible to understand the configuration and dynamics of an abusive relationship, the notion in the constant increase of cases of violence against women and how much the victims are affected by this practice, and the social stigmas that accompany them, in some cases, banalization and romanticization of this type of relationship may occur.

Keywords: Abusive relationship. Femicide. Emotional dependence.

¹ Graduanda em Psicologia na Faculdade Ciências da Vida. E-mail: arianysilva4@gmail.com

² Currículo da orientadora: Psicóloga, mestre em Psicologia (UFMG) Ariany Magalhães Leandro
E-mail: arianymagalhaes.psic@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os relacionamentos abusivos se manifestam de forma sutil, causando prejuízos a aqueles que o compõem. O relacionamento abusivo é um problema social, sério e intangível, que afeta muitas mulheres como uma epidemia silenciosa, que em muitos casos, não têm a dimensão das consequências que ocorrem na situação em que estão vivendo. Os tipos de abuso vividos por estas mulheres podem ser considerados como violência psicológica, física, moral, sexual e patrimonial. Mesmo convivendo com esses abusos, a maioria das mulheres que se encontram em uma relação abusiva vivem emocionalmente e financeiramente dependentes do seu companheiro e essa situação é preocupante, pois não conseguem sair desse relacionamento, que em muitos casos, culmina com a morte da mesma (ÁVILA, 2017). Existe uma estrutura que reforça padrões comportamentais abusivos, mantendo os homens em destaque e com maior poder. Nicolodi (2020) explica que “poder”, sob a análise skinneriana, corresponde à identificação de pessoas com diferentes possibilidades de dispor contingência (reforçadoras ou punidoras). O Reforço é a consequência que aumenta a probabilidade da resposta voltar a acontecer, podendo esse ser dividido em, reforço positivo, quando um estímulo reforçador é inserido, e o reforço negativo quando ocorre a retirada de um estímulo aversivo do ambiente. Em um esquema de reforçamento intermitente, somente algumas respostas serão reforçadas. O reforço intermitente funciona precisamente porque as recompensas (que podem ser desde a normalidade do afeto até uma demonstração de remorso do agressor) são dadas durante todo o ciclo do abuso (NICOLODI, 2020).

Dados da Rede de Observatório da Segurança mostra que em cinco estados brasileiros foram registrados 449 casos de feminicídio no ano de 2020 e que a violência contra a mulher ficou em terceiro lugar no ranking de eventos monitorados pela rede, registrando uma média de 5 casos por dia. No ano de 2020 no estado de São Paulo, 731 mulheres foram mortas ou sofreram violência, na sequência vem os estados do Rio de Janeiro, com 318 casos, Bahia com 289 casos, Pernambuco com 286 casos e o Ceará com 199 (JUCÁ, 2020).

Comparando os anos de 2019 e 2020, nota-se que “houve queda em notificações de lesão corporal dolosa (de 122,9 mil para 110,8 mil), ameaças (de 282,9 mil para 238,1 mil), estupro (de 9,6 mil para 7,4 mil) e estupro de vulneráveis (de 18,9 mil para 14,7 mil)” (JUCÁ, 2021, p.1). Esta queda nas notificações pode ser explicada pelo advento da pandemia decorrente do vírus coronavírus-19 (COVID-19), que, por ter um alto índice de disseminação

e graves consequências físicas, as ações governamentais de prevenção à contaminação ao vírus giraram em torno do isolamento social. Assim, várias pessoas passaram a trabalhar em *home office* e alguns setores da economia sofreram grandes impactos, demitindo muitos trabalhadores. Assim, várias vítimas acabaram ficando mais tempo junto a seus agressores, o que pode ter dificultado as denúncias (OKABAYASHI, 2020).

Diante dos dados alarmantes, e da importância em se debater a violência contra a mulher, este trabalho se justifica, pois, acredita-se que quanto mais conhecimento as mulheres possuem sobre as relações abusivas, mais chances elas têm de observar qualquer traço de abuso e se afastar o quanto antes. Pesquisas sobre essa temática são relevantes para esclarecer sobre os abusos e a dependência das vítimas com o agressor, fazendo com que cada mulher se questione se ela própria não seria também uma vítima. Somado a esses fatores é importante produzir conhecimento e oferecer material que auxilie no atendimento de psicólogos com as mulheres vítimas de um relacionamento abusivo, juntamente a outros estudos, este artigo pode trazer contribuições para que, os psicólogos e outros profissionais de saúde possam auxiliar a discussão desse tema em sessões com as clientes e empoderar essas mulheres.

Desse modo, esse estudo teve como questão norteadora: quais os fatores que levam a permanência das mulheres em um relacionamento abusivo? Pressupôs-se que os motivos que levam a permanência da mulher sejam: o compromisso de mudar a atitude do agressor e a esperança na fala do mesmo em relação a sua mudança a dependência financeira, emocional, e os filhos, quando estes existem. Além disso, fatores como o medo de morrer e os sentimentos de desvalorização auxiliam na manutenção do relacionamento abusivo. Como objetivo geral, buscou compreender os fatores que influenciam permanência de mulheres no relacionamento abusivo. Como objetivos específicos buscou demonstrar como a literatura apresenta a dinâmica do relacionamento abusivo, compreender os aspectos que envolvem este relacionamento e apontar a vivência das mulheres durante a permanência no relacionamento abusivo e descrever os tipos de violência compreendidas em uma relação abusiva.

Para alcançar as respostas para este estudo, foi realizada uma pesquisa de campo, qualitativa de natureza exploratória e descritiva. A pesquisa teve como base o método indutivo e utilizou, para a coleta de dados uma entrevista semiestruturada com 10 mulheres que passaram por uma relação abusiva e que residem na cidade de Sete Lagoas-MG. A análise dos dados foi realizada por meio das considerações feitas por Bardim (2011), que localizou as seguintes categorias: O início das relações e a identificação das agressões: “Eu pensava que

eram ciúmes”; “Dependência emocional, consequências da coersão: culpa, vergonha e medo”; e “Eu senti vergonha e culpa pela situação”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O relacionamento abusivo

Os relacionamentos afetivos são definidos pelo modo como os casais se tratam e se comunicam, seja namorando, casados ou mesmo em um relacionamento virtual, mas ao longo do tempo as relações amorosas têm sofrido várias transformações. Antigamente eram aceitos apenas relacionamentos amorosos que gerassem uma grande família, que as pessoas não se separavam, por questões religiosas, ou julgamento social. Nesta época, os homens eram responsáveis por todas as finanças da casa e as mulheres pelos afazeres domésticos (CAMPOS; SANTOS, 2017).

Nas relações atuais, além da possibilidade de separação, as finanças são divididas, mas o trabalho doméstico não, pois as mulheres são ensinadas desde pequenas a se anularem pelo outro, aprendem ainda que é preciso encontrar um amor romântico, pois este é imposto como uma grande conquista na vida de uma mulher. Diante de tantas mudanças sociais, entende-se que é importante desconstruir o conceito que assimila felicidade à um relacionamento, pois colocar o relacionamento como condição de felicidade contribui para o apego, levando a construir relacionamentos frágeis, sem auto responsabilidade ou perspectivas de felicidade em outras áreas (DEMOLINARI, 2017). Atualmente, para se falar de relações, é necessário entender que as mulheres e os homens têm experiências diferentes e vivenciam relações distintas, já que a sociedade contemporânea ainda preconiza a superioridade do homem sobre as mulheres (MARINHO; GONÇALVES, 2019).

Assim, os efeitos do casamento também diferenciaram os sexos com base no poder, relacionando o masculino à força e à tomada de decisão, concedendo a superioridade dos homens que são descritos como os mais aptos para governar e dirigir, tendo a autoridade para exigir ser atendido e obediência. Já o feminino acabou relacionado à fraqueza e à docilidade submissa, sendo a mulher considerada como membro dependente e secundário, destinada ao controle, para sua própria proteção. É importante ressaltar que, no Código Civil de 1916, ser mulher não se confunde com a incapacidade, sendo a mulher solteira reconhecidamente capaz. Somente após o casamento assume-se que a mulher precisa ser governada e ser

orientada, introduzindo uma desigualdade entre as posições jurídicas da mulher e do homem. Assim, a liberdade e a autonomia que a mulher gozava na condição de solteira se tornam incompatíveis com a estabilidade e a unidade da família, sendo preteridas em prestígio ao poder marital (ZANATTA; FARIA, 2018).

O relacionamento abusivo é um termo usado para denominar um relacionamento afetivo no qual há sinais de abusos, sejam eles patrimoniais, psicológicos, físicos, sexuais ou econômicos (ONDDA, 2016). Tais abusos podem ocorrer de forma simultânea ou separadamente. Apesar das consequências físicas e psicológicas, a maioria dos abusos não acontece em público, pois são vivenciados em casa e desta forma não são identificados por terceiros (SOUZA, 2018). A violência doméstica nem sempre aparece no corpo, em vários casos se inicia de forma sutil, onde o agressor primeiramente priva a vítima da sua liberdade e de tomar decisões, seja para sair sozinha, ver a família ou visitar os amigos, por exemplo. Na maioria dos casos as mulheres não percebem que estão em um relacionamento tóxico (COELHO, 2018).

Ao contrário do que ocorre nos casos de estupro, o relacionamento abusivo precisa que exista uma intimidade entre o agressor e a sua vítima, sendo de forma intencional ou não. O termo relacionamento abusivo é usado para as relações amorosas entre heterossexuais ou homossexuais e, na maioria dos casos, o agressor está casado com as vítimas (BOSCO, 2017). Em muitos relacionamentos afetivos, a violência está situada de maneira expressiva, transformando o espaço doméstico em um local de múltiplas agressões e sofrimento. Dentro deste contexto, casos de violência contra a mulher têm aumentado de maneira preocupante e as consequências da violência envolvem sensação de negligência, baixa autoestima, podendo chegar inclusive, a homicídios por parte do agressor (PEIXOTO, 2016).

No ano de 2006 foi promulgada a Lei Maria da Penha contra a violência doméstica, criada devido ao ocorrido que aconteceu com Maria da Penha Maia Fernandes, para que fosse feita justiça contra o ex-marido que praticou dupla tentativa de feminicídio (SILVA; BARBOSA, 2017). Diante da impunidade do crime, o Estado foi responsabilizado pela sua omissão em relação à violência doméstica. Desta forma, após alguns anos, a lei foi sancionada (SOUZA; SOUZA, 2019). Apesar de a Lei, no Brasil, ainda é frequente a violência contra as mulheres (SUXBERGER; FERREIRA, 2016). A princípio a Lei Maria da Penha, busca punir o agressor em relação a seus atos e acolher a mulher, mas também a lei preconiza que o agressor reflita sobre o ato violento cometido por ele, além de pagar pelo crime judicialmente, ele precisa ressignificar seus pensamentos e suas atitudes (SILVA; BARBOSA, 2017).

Nos casos de feminicídio, as mulheres são vistas como uma espécie de propriedade de seu companheiro, o que resulta em uma morte pela sua condição de gênero, por motivos de ciúmes, discussão, separação do casal e financeiros. O feminicídio pode ocorrer em todas as faixas etárias, porém apresenta prevalência entre mulheres em idade reprodutiva (20 a 49 anos) e tem o pico de mortalidade por feminicídio por volta dos 30 anos (BRASIL, 2020), entretanto, as mulheres que procuraram atendimento do SUS por violência em geral estão na faixa etária entre 18 a 29 anos de idade. (DE SOUZA; DE BARROS, 2017).

Leis como a Maria da Penha e do feminicídio foram feitas com a intenção de restringir atos de violência contra as mulheres, porém é necessário que toda a sociedade, não só a vítima, estejam no caminho para a erradicação do feminicídio. Por este motivo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos possui uma “central de atendimento à mulher em situação de violência”, denominada Ligue 180. Esta central é um serviço confidencial e gratuito, disponível 24 horas por dia para receber denúncias de violência e informar às mulheres sobre seus direitos (BRASIL, 2020).

Durante alguns anos a Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940 protegia o agressor, pontuando que esse poderia defender sua honra, se referindo ao perdão do autor de feminicídio ou qualquer tipo de agressão praticado contra a esposa ou companheira adúltera. Durante anos essa lei foi usada como argumento para livrar homens que usam a violência física para machucar e matar mulheres, se apoiando em um importante artifício para validar estas ações que colocam o Brasil como o quinto país do mundo que mais mata mulheres, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Somente neste ano de 2021 é que o supremo julgou como inconstitucional esta tese e proibiu seu uso (STF, 2021).

2.2 Os tipos de violência contra mulher

As pessoas são seres sociáveis e estabelecem relações para obter conhecimento sobre os outros, sobre o ambiente e sobre si mesmos, sendo o vínculo com outras pessoas inevitável. Para que um relacionamento seja considerado saudável, é necessário que se tenha vários benefícios e proporcionem o bem-estar. Mas, os relacionamentos abusivos se mostram insalubres e podem gerar a submissão do companheiro em relação ao comportamento de violência psicológica, física, moral, sexual e patrimonial (SILVA; SILVA, 2020).

A violência psicológica se dá na ocorrência de humilhação, injúria, isolamento, ameaças e atitudes com o fim de estimular ciúme ou insegurança no outro, causando danos

emocionais, evidentes ou não. Essa violência costuma iniciar com a mulher sendo proibida de trabalhar, críticas em relação ao seu corpo, podendo chegar a ameaças de morte. Esses constrangimentos psicológicos tem efeitos difíceis de serem reparados e podem causar depressão, vergonha, culpa, inatividade física, baixa autoestima, comportamento sexual inseguro, podendo durar pela vida toda (MANSUR, 2016). A identificação da violência psicológica é complicada, como também é dificultada a sua denúncia, visto que as provas iniciais não são materiais. Pode-se notar que a violência verbal como extensão da violência psicológica é a que mais acontece nas relações entre os casais (MCDERMOTT *et al.*, 2016).

A violência física é ato de colocar em risco a integridade do indivíduo, tendo como alvos no relacionamento abusivo as mulheres, os filhos, os animais de estimação e os amigos, compreendendo que a mulher vai ficar angustiada vendo todos que ama sofrer. Para que a violência possa continuar acontecendo o agressor faz o possível para que a mulher fique isolada e deixe de ter uma vida social, voltando a vida da mulher unicamente para ele, agindo de modo que ela seja dependente, para que não escape de seu controle. A violência moral é a menos visível, ocorre quando o agressor prejudica a moral da mulher, aquilo que ela pensa sobre ela mesma ou que as outras pessoas pensem dela. Ocorrem xingamentos, ofensas e inclui calúnia, difamação e mentiras com intuito de destruir sua reputação (MANSUR, 2016).

A violência sexual é todo e qualquer ato sem consentimento da mulher, podendo ser o controle ou impedimento em relação a métodos contraceptivos, chantagem, tirar o preservativo durante o ato sexual, ameaça ou se a mulher, por algum motivo, não puder oferecer resistência ou reação, como quando está inconsciente algum comprometimento físico ou mental ou estiver sob o efeito de álcool ou drogas (MCDERMOTT *et al.*, 2016). Já a violência patrimonial ocorre quando o agressor destrói documentos de valores ou pessoais, tem o controle sobre o dinheiro da mulher, oculta seus bens, confisca documentos pessoais, confisca ou danifica celulares, queima suas roupas ou ainda, quando se cria um impedimento para que ela não trabalhe fazendo com que a mulher crie uma dependência financeira direta (MANSUR, 2016; GUERIN; ORTOLAN, 2017).

No relacionamento abusivo as agressões ocorrem de maneira que as vítimas, muitas vezes, as encaram como demonstrações normais de ciúmes, minimizando e naturalizando os episódios de violência (DIXE *et al.*, 2016). Neste cenário, o comportamento controlador geralmente não é considerado pela vítima como violência, até que atinja o nível de obsessão, pois normalmente, a violência nos relacionamentos começa por meio da violência psicológica e, posteriormente, progride para os outros tipos (MATTES; ROCHA, 2016). Assim, as

vítimas não percebem seu estado de submissão devido à dependência emocional e se culpam pelos acontecimentos negativos ocorridos na relação, podendo não reconhecer os tipos de violência as quais estão expostas (ADOLPHO, 2017).

O assédio é considerado como uma violência que, normalmente, ocorre em ambiente de trabalho, no qual a mulher se sente intimidada. Pode-se citar também o tráfico de mulheres como uma violência contra a mulher, pois esta é uma prática que diz respeito a violência de gênero, pois o tráfico tem como finalidade a exploração do trabalho, exploração sexual de mulheres a remoção de órgãos ou o casamento forçado, envolve uma ampla rede de pessoas e consiste na violação dos direitos das mulheres (BERTH, 2018).

A violência contra as mulheres tem sequelas sociais e econômicas, sendo um empecilho de saúde pública. Os prejuízos gerados são profundos gerando consequências como o medo e o silenciamento, atingindo diretamente na autonomia das vítimas, já que a violência leva a atrasos no trabalho e diminuição da produtividade, o que leva a dependerem ainda mais de seus agressores (ALMEIDA, 2018).

De acordo com a intensidade das violências, a vítima pode passar a reduzir a frequência de seus comportamentos de fuga ou esquiva destas situações. Sendo assim, quanto mais graves forem as agressões, menores são as chances das mulheres emitirem comportamentos de rompimento com o ciclo de violência, pois temem que o próximo episódio seja pior. A gravidade da violência que a mulher suporta pode estar relacionada a quadros depressivos, o que pode contribuir para a permanência da mulher no relacionamento abusivo (ALMEIDA, 2018).

2.3 A permanência das mulheres em um relacionamento abusivo

Pode-se notar que existem vários motivos que auxiliam a permanência de mulheres nos relacionamentos abusivos, sendo eles fatores sociais e emocionais que interferem na tomada de decisão, pois, estas vítimas passam por barreiras internas e externas que as impedem de sair do relacionamento abusivo. As emoções afetivas são construídas na infância, no momento em que ocorrem as primeiras experiências de vida que, inclusive, influenciam a vida adulta através dos padrões adquiridos (ADOLPHO, 2017). Entre os padrões que podem ser aprendidos estão o apego. Nos relacionamentos da vida adulta, quando se tem um grau alto de apego pelo outro, pode criar uma dependência emocional, característica comum nas relações abusivas. Mulheres com dependência emocional são frágeis e acreditam que só vão

conseguir se sentir plenas tendo o abusador em sua vida, o que pode auxiliar a permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos (BUTION; WECHSLER, 2016).

A dependência emocional se apresenta através de uma necessidade na qual só ocorre o alívio quando se é atendido pelo outro. Portanto, por meio da dependência e do apego emocional os indivíduos fazem qualquer coisa para manter o outro em sua vida com medo de que haja o abandono, o que acaba criando uma relação completamente desequilibrada, já que o outro acaba sendo idealizado como superior, fazendo com que o indivíduo se submeta a qualquer exigência do parceiro, mesmo que isso custe sua liberdade, abandono de seus amigos e até mesmo ser vítima de um relacionamento abusivo (BUTION; WECHSLER, 2016).

Há uma grande resistência pelas vítimas para registrarem a ocorrência policial, por medo, culpa, vergonha, dependência econômica ou emocional e preocupação com a criação dos filhos, vergonha da agressão, medo de não existir punição e acreditar que aquela vai ser a última vez. Quando as vítimas registram a ocorrência, elas estão indecisas se este é mesmo o melhor caminho e, muitas vezes, se culpam pela violência sofrida, pois a sociedade busca nas suas atitudes um motivo para justificar todas as violências. (GARCIA, 2016).

Em alguns casos, depois que a mulher faz a denúncia pode ocorrer dela se reconciliar com o agressor e retirar a queixa, mas, há uma elevada probabilidade de que ela volte a sofrer outros tipos de violência num futuro próximo, inclusive uma violência letal. Isto se dá devido a permanência de mulheres no relacionamento abusivo reforçar o comportamento violento do parceiro, pois na medida em que tem sucesso em controlar o comportamento da mulher sem que ela apresente resistências como denúncia e saída do relacionamento, aumenta seu controle sobre ela. Para mantê-la após o evento de agressão, o agressor faz promessas de mudança, tem conversas mais íntimas e intensas (MACHADO, 2019).

A angústia diante da possibilidade do fim deste relacionamento e a possibilidade de os filhos serem afetados também são fatores que auxiliam na permanência destas mulheres, além disso as vítimas carregam consigo os prejuízos físicos e psicológicos que podem gerar a perda de identidade, depressão, estresse, gerando a ausência de autoestima, insônia e crises de ansiedade, entre outros sintomas que as enfraquecem (RODRIGUES, 2018). Por isso, terminar esse tipo de relação não é fácil e deve-se levar em consideração a força e a coragem da vítima para colocar um fim em uma situação (MACHADO, 2019).

Neste contexto para que a vítima saia dessa relação é necessário um apoio externo, como amigos, familiares, vizinhos e mecanismos de proteção como a sociedade civil, o poder público, as leis vigentes, centros de apoio, delegacias e os equipamentos das políticas públicas

para proporcionar um auxílio à mulher vítima de violência na saída desse relacionamento (ALBERTIM; MARTINS, 2018). Além disso, é de extrema importância o auxílio psicológico para ajudar na mudança da sua realidade e superação dos fatos ocorridos durante o processo de violência, pois são anos investidos e sonhos idealizados que podem criar uma falsa idealização de que mesmo depois de alguns anos o agressor vai mudar e, romper com essa construção mental que vem sendo construída durante anos, não é fácil (MARINHO, 2019).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como tema o relacionamento abusivo e a dependência da mulher. Essa pesquisa é classificada como qualitativa de natureza descritiva e exploratória, por envolver técnicas de observação, entrevista e levantamento de dados e busca descrever os fatores que influenciam para a permanência das mulheres que se encontram em relações abusivas. A pesquisa teve como base o método indutivo, responsável por fazer uma generalização que parte de algo particular para uma questão mais ampla, ou seja, um aspecto geral, a indução também pressupõe a probabilidade, sendo proposto colher informações de mulheres que foram vítimas de relações abusivas (GIL, 2008).

Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada, com 10 mulheres, de forma individual e presencial, respeitando todos os cuidados de distanciamento impostos pela pandemia da COVID-19. A entrevista áudio gravada e transcrita, teve a duração de aproximadamente 01 hora para cada participante e contou com 12 perguntas para compreender quais fatores contribuíram para a permanência delas na relação abusiva. Como critério de inclusão, as mulheres deveriam ter sido vítimas de um relacionamento abusivo, ter mais de 18 anos e concordarem assinar do Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As mulheres participantes foram selecionadas por conveniência e indicaram outras mulheres, sendo usado a amostra por bola de neve que é um tipo de amostragem não probabilística que é usada quando os participantes em potencial são difíceis de encontrar, as participantes que foram selecionadas para a entrevista, convidam novos participantes da sua rede de amigos e conhecidos, permitindo que a amostra cresça a medida em que os indivíduos selecionados convidam novos participantes (VINUTO, 2014).

A partir das entrevistas, foi realizada a análise de conteúdo mediante as considerações feitas por Bardim (2011), que é caracterizada pela pré-análise, exploração do material e tratamentos dos resultados através da inferência e interpretação. Na pré-análise foi

realizado o levantamento dos dados coletados, na fase exploração do material foram lidas as entrevistas de modo a verificar quais respostas emergiram semelhantes à literatura encontrada, no final foi realizada uma análise aprofundada e interpretação dos dados. Após a interpretação foram feitas categorizações que buscaram demonstrar os resultados de forma clara. As categorias encontradas foram: O início das relações e a identificação das agressões: “eu pensava que eram ciúmes”; Dependência emocional, consequência da coersão: culpa, vergonha e medo; e “Eu senti vergonha e culpa pela situação”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram desta pesquisa 10 mulheres, com idade entre 19 e 50 anos, de profissões variadas. Entre as participantes, em relação ao estado civil, 07 eram solteiras, 02 divorciadas e 01 era viúva, de forma que atualmente, nenhuma participante se encontra convivendo com o agressor. O grau de formação variou de ensino médio completo à pós-graduação e o número de filhos variou de zero a quatro. Para garantir a confidencialidade das entrevistadas, seus nomes foram trocados por nomes fictícios, conforme apresentado no quadro abaixo.

QUADRO 1: PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nome Fictício	Idade	Sexo	Escolaridade	Filhos	Profissão	Tempo de Relação
Anne	42 anos	Fem.	Ensino Superior inc.	3	Gerente	5 a
Elena	20 anos	Fem.	Ensino Médio inc.	0	Estudante	4 a
Ellen	22 anos	Fem.	Ensino Superior inc.	0	Vendedora	3 a e 6 m
Isadora	25 anos	Fem.	Ensino Super. com.	0	Psicóloga	2 a
Laura	48 anos	Fem.	Ensino Superior inc.	3	Autônoma	12 a
Lisa	20 anos	Fem.	Ensino Médio com.	1	Operadora	4 a
Nádia	24 anos	Fem.	Ensino Superior inc.	0	Estudante	3 a
Renata	50 anos	Fem.	Ensino Fund. inc.	4	Doméstica	13 a
Sofia	30 anos	Fem.	Ensino Super. com.	0	Psicóloga	2 a
Tamires	22 anos	Fem.	Ensino Médio com	0	Gerente	4 a

Fonte: dados da pesquisa

4.1 O início das relações e a identificação das agressões: “eu pensava que eram ciúmes”

Oliveira (2009) destaca que as pessoas têm o casamento como uma relação que podem desenvolver a sua potencialidade individual, bem como relações afetuosas, proteção e convivência familiar. Embora exista uma construção social que o relacionamento é uma união que traz estabilidade, proteção e segurança, nem sempre essa é a realidade. As entrevistadas, por exemplo, viveram histórias de abusos e sofrimentos, com múltiplas formas de violências. De modo geral, as entrevistadas classificam o início desses relacionamentos como normal, com um tratamento carinhoso e com poucos sinais de abuso, que foram aumentando ao longo do tempo, sendo associados a determinados comportamentos, como ciúmes, possessividade e impaciência e, quando elas deram por si, as agressões já estavam mais intensas, conforme pode ser demonstrado nas falas abaixo:

“No começo era bom eu gostava muito dele, ele me mandava flores era o meu príncipe encantado, e eu pensava eu preciso segurar esse homem incrível, mas aí ele começou a querer me afastar das amigas, começou a proibir de usar algumas roupas, eu não podia mais usar shorts em casa. Briguei com mãe e ele me salvou levando para morar com ele, falava que tinha me libertado de mãe. Ficamos noivos e passamos a viver o famoso morde e assopra, sou maravilhoso e você precisa me obedecer.” (Isadora)

“No início o abuso é mais vedado, depois de um tempo ele começou a jogar na minha cara todos os homens que eu fiquei no passado, sempre criticava as minhas maquiagens e minhas roupas.” (Sofia)

“Eu não entendia o que era uma relação abusiva na íntegra, eu apenas pensava que era um ciúme extremo da parte dele no qual me deixava completamente engessada dentro da relação. Só percebi que vivi uma relação abusiva após ingressar na faculdade isso em 2014.” (Laura)

A base do relacionamento abusivo é o controle e a manipulação que acabam sendo confundidos com o cuidado, carinho e atenção o que faz com que a vítima demore a perceber os sinais do abuso, sendo a dificuldade de percepção um fator que mantém a mulher na relação. As agressões acontecem como um ciclo, onde a mulher confia no parceiro, ele a agride, depois a agrada e pede desculpas, voltando sempre ao início, onde ele sempre se sobressai, sendo a pessoa principal da relação e fazendo com que seus desejos e sonhos sejam realizados da forma que ele quer, deixando de lado tudo que deixa a parceira feliz. Normalmente, essas vítimas estão comprometidas psicologicamente, com medo de ficar só, dependentes financeiramente, entre outras questões. (MACHADO, 2019).

Segundo Echeverria (2018), mulheres vítimas de violência têm dificuldade de trabalhar, de construir relações de amizade e assumir novos relacionamentos. Em alguns casos pode-se notar o medo de frequentar lugares públicos e de interagir com as pessoas. Estes

fatores apontados pela literatura também foram identificados nas falas das entrevistadas, que relataram o medo de se relacionar novamente e reviver os episódios de violência.

“Eu me sinto insegura eu não consigo me relacionar, tenho medo de cair em outro relacionamento abusivo”. (Isadora)

“Eu não consigo me relacionar com ninguém não consigo confiar, sou totalmente insegura acredito que todas as pessoas vão tentar me enganar”. (Anne)

“Me tornou uma pessoa retraída e fechada, uma pessoa mais triste, desconfiada das pessoas, isso me atrapalhou muito nas relações seguintes.” (Nádia)

Esta reação de insegurança e os danos que permanecem após o término da relação são consequências das inúmeras violências sofridas por estas mulheres, mas especialmente pela violência psicológica pois, de acordo com Mansur (2016), os impactos dos constrangimentos, humilhações, injúrias e ameaças podem se transformar em vergonha, insegurança, baixa autoestima, vergonha e depressão, e fazer com que estas mulheres precisem de apoio social e psicológico para ter uma vida equilibrada e afetivamente saudável.

4.2 Dependência emocional

A dependência emocional faz com que a vítima acredite que só se sente bem com a presença do parceiro. E no relacionamento abusivo, as atitudes de cuidado do parceiro após a agressão, tendem a reforçar o comportamento de submissão da mulher. Dentro da perspectiva comportamental, o reforço tem como consequência o aumento da frequência de um determinado comportamento. Quando esse reforço ocorre hora sim, hora não, esse esquema é denominado reforço intermitente. Assim, o comportamento de perdoar o agressor tende a aumentar de frequência quando é reforçado intercaladamente (BESERRA *et al.*, 2016).

Os motivos que podem ser notados na relação de dependência são a incapacidade de viver sozinha, uma vez que o agressor afasta a mulher de suas relações, sendo, em muitos casos, proibida de trabalhar e ter sua renda independente, e a baixa autoestima, pois levam a mulher a não possuir uma vida própria e faz com que tudo ao seu redor gire em torno do seu companheiro, de forma que ela consegue viver sem ele, acreditando que algum dia ele irá mudar (MATTES; ROCHA, 2016). Entre as entrevistadas deste estudo, os motivos mais citados para a permanência nas relações foram a dependência emocional, o medo de ficar sozinha, a presença dos filhos e a dependência financeira, como é citado nos relatos abaixo:

“O que mantinha o nosso relacionamento era o meu amor e a dependência emocional, porque ele me traía, mas depois me dava flores, falava que ia mudar e

me tratava como uma princesa. A minha mãe e meus amigos sempre me falavam para largar ele, chegou em um ponto que minha mãe só me deixa ver ele se ela estivesse comigo”. (Elena)

“Ele não era violento o tempo todo, era só quando se estressava, na maior parte do tempo ele era gentil e sensível, sempre que a gente terminava falava que estava arrependido e que ia mudar, me dava flores e eu ficava com pena e voltava”. (Lisa)

“Eu era muito dependente emocionalmente, pois entendia que para ser feliz precisava estar em um relacionamento e como todo mundo gostava muito dele eu não podia perdê-lo. Ele ficava com todo o meu dinheiro e monitorava o horário que eu chegava em casa. Eu achava ele incrível e estava feliz pois podia arrumar casa e fazer comida para o meu marido só que eu tinha que obedecê-lo. Eu me sentia burra, pequena um homem igual ele eu não podia perder, pois nunca ia me perdoar. Depois que ele me bateu eu me senti forte, antes me culpava pelas brigas eu tinha que anotar tudo o que ele não gostava, para não fazer e acabar brigando vivia sempre pisando em ovos. Eu só tive forças para terminar quando ele me deu um tapa na cara e mesmo depois dessa situação eu levei uma semana para sair da casa dele” (Isadora)

No relacionamento existem momentos nos quais o parceiro é agressivo, seguidos por períodos de calma, que são seguidos por períodos mais longos nos quais o abusador se apresenta mais irritado, até explodir em agressões e começa a insultar a parceira, caracterizando um ciclo da violência que tende a piorar. Após completar a fase de violência, o abusador apresenta-se arrependido e envergonhado, seguida de atitudes como a entrega de presentes, que lembram a vítima do homem pelo qual ela se apaixonou, se mostrando carinhoso e gentil (MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Este ciclo acaba por prender a mulher numa rede de promessas na qual ela passa a acreditar que ele mudará e, sustentadas pela dependência emocional, acabam por dar mais uma chance.

A dependência emocional do companheiro e a falta de ter alguém como referência acaba sujeitando as mulheres às agressões de caráter emocional e física, que muitas das vezes se intercalam, fazendo com que a vítima considere que todo o controle é uma forma de proteção (GOMES, 2018). Além disso, a criação dos filhos também é vista como um fator relevante na opção da mulher em permanecer no relacionamento abusivo, porque na maioria dos casos é o homem o provedor da educação e alimentação dos filhos, mesmo com a presença de violência (PEREIRA *et al.*, 2018). O medo de não conseguir ver os filhos crescer é um dos fatores que manteve algumas das entrevistadas na relação abusiva, como podemos observar nos relatos abaixo:

“Eu cresci sem pai e ficava com medo da minha filha crescer também, mas tinha medo dele me matar. Ele não aceitava os meus filhos de outro casamento e durante alguns anos me afastei dos meus filhos com medo dele tentar alguma coisa.” (Anne)

“Ele era um bom pai, mas eu tinha medo de morrer e não poder viver com meus filhos, pois as agressões estavam muito intensas. [...] Não queria ser mãe solteira.” (Renata)

Ainda hoje a dissolução do casamento é considerada uma vergonha, pois essa situação encontra-se enraizada na sociedade, fazendo com que as mulheres continuem em um relacionamento abusivo, ainda mais quando tem filhos. (SOUZA *et al.*, 2016). Porém, é fato que os conflitos familiares têm caráter negativo para os filhos, pois tem como consequência mudanças nas relações e nos vínculos paternos e maternos. Como exemplo, Justino, Cotonhoto e Nascimento (2017) citam que os filhos expostos à violência contra a mãe podem ter seu vínculo com a figura paterna prejudicado.

4.3 Consequência da coerção: culpa, vergonha e medo. “eu senti vergonha e culpa pela situação”

A principal causa dos casos de feminicídio a naturalização da desigualdade entre os gêneros, que faz com que o agressor se sinta dono da mulher (PRADO; SANEMATSU, 2017). Uma sociedade machista reforça os estereótipos e a culpabilização da mulher, e, segundo Miller (1999), o agressor aproveitando deste contexto, faz com que a vítima se sinta culpada e, como resultado, a vítima faz de tudo para agradá-lo acreditando que depois de um tempo as coisas vão melhorar, mas na realidade não melhoram e deixando a vítima com a constante esperança de ter um relacionamento feliz.

No depoimento das entrevistadas, pode-se notar que os sentimentos de vergonha e culpa são termos bem frequentes como podemos notar:

“Brigas e discussões era quase o tempo todo, mas eu acreditava que era por ele ter muito ciúmes do meu ex, e sentir inseguro por eu não dizer eu te amo. Então me sentia culpada por não amá-lo como amava meu ex, mas me mantinha fiel o tempo todo pois para mim fidelidade é questão de caráter.” (Laura)

“Na primeira vez que ele me agrediu eu senti vergonha e culpa pela situação pois ele afirmava “te bato porque te amo”, “ninguém vai te querer” e eu tinha vergonha de falar e de procurar ajuda, porque as pessoas sempre me julgavam.” (Lisa)

“Eu vivia sempre me culpando por ter deixado chegar ao ponto que chegou, e me sentia triste por não ter forças para terminar este relacionamento.” (Ellen)

As mulheres que apresentam comportamentos que fogem do padrão definido pela ideologia dominante, são alvos de repressão e rotuladas como doentes ou loucas. Neste

sentido, este comportamento é denominado *gaslighting*, um comportamento que visa excluir a mulher, desqualificando seu discurso, de modo a mantê-la reclusa no espaço doméstico através de intimidação, silenciamento e dominação (MALIZIA, 2020).

Para justificar suas atitudes os homens humilham as parceiras a um nível no qual elas se sentem culpadas por deixá-lo nervoso e agressivo, invertendo a lógica da agressão (PARENTE, *et al.* 2019). Os abusadores causam humilhação, deboche, controle em relação ao trabalho, ao dinheiro, exposição da sua vida, fazendo com que nas brigas levem a vítima ao desgaste emocional, a ponto de questionar suas atitudes e comecem a pensar que estão erradas sobre suas atitudes (GOMES, 2018). Este é um movimento possível porque culturalmente, homens são considerados superiores às mulheres, e a elas cabe a passividade e satisfação do parceiro. Essas regras são vividas dentro de seus lares e podem ser observadas em jogos, na mídia, desenhos animados e crenças religiosas, tornando-se difíceis de serem alteradas (PAIM; CARDOSO; BERTHO, 2019).

Além de todos estes fatores, o medo é um dos motivos da permanência dessas vítimas, sendo comum notar ameaças de morte durante o relacionamento. Estas mulheres já fragilizadas, acreditam e temem por suas vidas, visto que aquele que é capaz de agredí-las, pode também atentar gravemente contra sua vida (FREITAS; SALES, 2019). Porém, no momento em que a mulher começa a analisar os fatores que a prendem ao seu abusador elas começam a ter autonomia e podem colocar um fim no relacionamento e reunindo forças para encerrar o ciclo de violência (PARENTE *et al.*, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender os fatores que influenciam a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. De acordo com a literatura, os relacionamentos abusivos são o reflexo de uma relação doentia que desfavorece a vítima gerando várias consequências desse abuso. Por meio da pesquisa, diferentes fatores que contribuem para a manutenção dessas mulheres na relação foram evidenciados. Todos os depoimentos representam a realidade da maioria das mulheres que vivem uma relação abusiva. Ainda, como respostas aos objetivos, identificou-se que as pressões sociais e a agressão geram a culpa nestas mulheres e que os reforços após os episódios de agressão fazem com que a mulher permaneça tendo esperança nas mudanças deste parceiro.

As experiências de cada mulher aqui relatadas mostram que esta sociedade ainda pode ser considerada uma sociedade culturalmente patriarcal, na qual as meninas são educadas basicamente para ter um relacionamento afetivo e se tornarem esposas e mães zelosas. Em casos em que a relação não dá certo, a culpa deste “fracasso” é considerado da mulher.

Durante a elaboração dessa pesquisa encontrou-se dificuldades em relação a falta de participantes da pesquisa pelo fato de que algumas mulheres estavam com medo de abrir feridas antigas.. Este estudo se limitou a compreender os pré-conceitos de que as vítimas são culpadas pelas agressões e de que as mulheres apanham porque gostam. Para futuras pesquisas sugere-se que possam ampliar estudos que formulem serviços de apoio para mulheres que são ou foram vítimas de qualquer tipo de violência no relacionamento. Trabalhos dentro de escolas e faculdades falando sobre os vários tipos de violência, também podem ser considerados uma forma de intervenção e prevenção. E a especialização dos psicólogos para trabalhar com as vítimas de relacionamento abusivo para que o profissional não caia na estratégia do abusador de se colocar como vítima e culpar a mulher. Durante a realização dessa pesquisa, infelizmente ocorreu a perda de uma das participantes que seria entrevistada devido ao feminicídio praticado pelo seu companheiro.

REFERÊNCIAS

ADOLPHO, M. S. **A dependência emocional em casais: O amor que aprisiona**; 2017; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Psicologia) - Faculdade Integrada de Santa Maria; Orientador: Luciane Benvegnú Piccoloto. Disponível em: Acesso em: 20 de mar. 2021.

ALBERTIM, R; MARTINS, M. **Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relações tóxicas**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a setembro, 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0301-1.pdf>>. Acesso em: 28 de mar. 2021.

ALMEIDA, T. C. C. **Violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo: investigação de variáveis que mantêm a mulher em um relacionamento violento**. Dissertação não publicada (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, p. 01-13. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00121.pdf>. Acesso em: 10 de abr. 2021.

ÁVILA, T. A. P. Violência contra a mulher: consequência as da perspectiva de gênero para as políticas de segurança pública. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, v. 62, n. 3, p. 103-132, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/51841/34342>>. Acesso em: 03 de abr.2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70ªed. São Paulo, 2011.

BERTH.J. **O que é empoderamento?** Belo horizonte (MG): Letramento. Conselho Federal de Psicologia. (2018). Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência. Brasília: CFP. Disponível em: <http://crepop.pol.org.br/5804_referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologos-os-em-programas-de-atencao-a-mulheres-em-situacao-de-violencia-2013>. Acesso em: 03 abr. 2021.

BOSCO. F. **A vítima tem sempre razão?** Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro. 1ª Edição. São Paulo: editora, todavia, 2017. Acesso em 23 mar. 2021.

BRASIL. **Lei Maria da Penha:** Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Câmara dos Deputados, Diário Oficial da União, 2006. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 26 de ma. 2021.

BUTION. D. C.; WECHSLER. A. M. Dependência emocional: Uma revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v.7.n1, p. 77-101. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/23858>. Acesso em: 06 de abr. 2021.

CAMPOS. S. O.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. **Psicologia Clínica**, 29(1), 69-89. Rev. psicopedag. vol.29 no.90 São. Paulo, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862012000300001>. Acesso em: 04 de abr. 2021.

COELHO, E. B. S. **Violência por parceiro íntimo:** definições e tipologias. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://unasusc.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/143561/mod_resource/content/19/MOOC-Tipologias-comficha.pdf>. Acesso em: 20 de mai. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução n o 466, de 12 de dezembro de 2012.** Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> >. Acesso em: 20 de abril. 2021.

DayDIXE, M. A. C. R.; RODRIGUES, A. L.; FREIRE, C.; RODRIGUES, G. FERNANDES, M.; DIAS, T. **A Violência de Gênero na Relação de Namoro em Estudantes do Ensino Superior:** Práticas e Comportamentos de Violência. Escola Superior de Saúde, Instituto

Politécnico de Leiria. 2016. Disponível em:
<<https://core.ac.uk/download/pdf/61796307.pdf>>. Acesso em: 20 de abr. 2021.

DEMOLINARI, Simone. **Tipos de abuso no relacionamento**. 2017. Disponível:
<<http://hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/simone-demolinari1.334203/tipos-deabuso-no-relacionamento-1.457922>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

ECHEVERRIA, G.B. **A violência psicológica contra a mulher: reconhecimento e visibilidade**. Caderno de Gênero e Diversidade. Vol 04, N. 01 - Jan. - Mar., 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9771/cgd.v4i1.25651>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

FREITAS, M. F. C. DE; SALES, M. M. Maria, Marias: Narrativas De Mulheres Sobre Relacionamentos Abusivos. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 4, n. 7, p. 408-429, 19 jul. 2019. Disponível em:
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/20769/15043>>. Acesso em: 14 de mar. 2021.

GARCIA.L. L. A magnitude invisível da violência contra a mulher. **Epidemol. Serv. Saúde**. [online]. 2016, vol.25, n.3, pp.451-454. ISSN 1679-4974. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742016000300001>>. Acesso em: 22 de mar. 2021.

GIL. A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Edição. São Paulo: editora Atlas S.A. 2008.

GOMES.I, R, R. **A intenção feminina de permanecer em um relacionamento abusivo**. 2018. 95 f. Dissertação Mestrado em psicologia (Instituto de psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em:
<<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/3223/1/A%20inten%C3%A7%C3%A3o%20feminina%20de%20permanecer%20em%20um%20relacionamento%20abusivo.pdf>>. Acesso em: 22 de mar. 2021.

GUARESCHI MATTES, E.; FACCO ROCHA, N. Adolescentes e os relacionamentos abusivos: a tendência a se concretizar em casos de violência doméstica contra a mulher. Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea, 13, UNISC. **Anais** [...], Santa Cruz do Sul, 2016. Disponível em:
<<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/15866>>. Acesso em: 10 de abr 2021.

GUERIN, B; ORTOLAN, M. O. Analyzing Domestic Violence behaviors in their contexts: violence as a continuation of social strategies by other means. **Behavior and Social Issues**. **Chicago**. vol. 26, p. 5-26, 2017. Disponível em:<<http://firstmonday.org/ojs/index.php/bsi/article/view/6804/5923>>. Acesso em: 19 de abr. 2021.

JUCÁ, J. Por dia cinco mulheres foram vítimas de feminicídio em 2020, aponta estudo. **CNN Brasil**, São Paulo, 04, mar. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/03/04/por-dia-cinco-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidio-em-2020-aponta-estudo>>. Acesso em: 16 de mar. 2021.

JUCÁ, J. Por dia cinco mulheres foram vítimas de feminicídio em 2020, aponta estudo. **CNN Brasil**, São Paulo, 04, mar. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/03/04/por-dia-cinco-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidio-em-2020-aponta-estudo>>. Acesso em 16 mar. 2021

JUSTINO, Y. A. C.; COTONHOTO, L. A.; NASCIMENTO, C. R. R. A perspectiva de mães a respeito das relações parentais diante de um contexto de violência doméstica contra mulher. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 3, p. 1-20, dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 mar. 2021.

LOPES, Camila Daliane Marila; SILVA, Ingrid Pedrassoni da. Considerações acerca do relacionamento abusivo e uma análise das contingências que o envolvem. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*, [S.l.], v. 37, n. 72, p. 160-168, jun. 2021. ISSN 2596-2809. Disponível em: <<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/2344>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

MACHADO. L. C. R. **Violência nos relacionamentos amorosos: O que dizem as mulheres**. 2019. 29 f. Trabalho de Conclusão de curso- Universidade Federal de Uberlândia, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26613>>. Acesso em: 27 de mar. 2021.

MALIZIA, J. H. **“Você está louca!!!”**: gaslighting segundo a perspectiva materialista de gênero. (Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia.) Faculdade Católica Dom Orione. Araguaína, 2020. 26f. Disponível em: <http://repositorio.catolicaorione.edu.br:81/Arquivos/49bf6d7d-cf64-4523-8586-1b5e8f9a56b7_TCC%20-%20JULIANE%20HIROSSE%20MALIZIA%20-%20P%C3%93S%20BANCA.pdf>. Acessos em: 01 de jun. 2021.

MANSUR, P. G. M. **Proteja-se contra os diferentes tipos de violência contra a mulher**. Justiça de Saia, agosto de 2016. Disponível: <<http://www.justicadesaia.com.br/>>. Acesso em: 21 de mar. 2021.

MARINHO. P. A. S; GONÇALVES, H. S. Mulheres em situação de violência doméstica: aspectos referentes ao empoderamento feminino. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 1-18, jun. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/33932>>. Acesso em: 02 de mai. 2021.

MCDERMOTT, R.; NAYLOR, P.; MCKELVEY, D.; KANTRA, L. College men’s and women’s masculine gender role strain and dating violence acceptance attitudes: testing sex as

a moderator. **Psychology of Men and Masculinity**, 16, 1-14. (2016). Disponível em: <<https://www.apa.org/pubs/journals/features/men-men0000044.pdf>> Acesso em: 22 de mai. 2021.

MILLER, Mary Susan. Feridas Invisíveis: abuso não-físico contra mulheres. Trad. Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/5.HugoLeonardo.pdf>>. Acesso em: 3 de mai. 2021.

OKABAYASHI, Y.; T.; et. al. . Violência contra a mulher e feminicídio no Brasil - impacto do isolamento social pela COVID-19. **Rev., Curitiba**, v. 3, n. 3, p.4511-4531 mai./jun. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.34119/bjhrv3n3-049>> Acesso em: 30 mai.2021.

OLIVEIRA, Q. B. M.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K.; PIES, T. O. Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 32, n. 3, e32323, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722016000300236&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 02 mai 2021.

ONDDA, F. V. **14 sinais de que você é vítima de abuso psicológico: o Gaslighting**. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/14-sinais-de-que-voce-e-vitima-de-abusopsicologico-o-gaslighting/>>. Acesso em: 13 de set. 2020.

PAIM, K., FALCKE, D. Perfil discriminante de sujeitos com histórico de violência conjugal: o papel dos esquemas iniciais desadaptativos. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**, 2016, vol. 18, nº 2, 112 -129. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-69736>>. Acesso em: 15 de mai 2021.

PEIXOTO, M. M.; HEILBORN, M. L. Mulheres que amam demais: Conjugalidades e narrativas de experiência de sofrimento. **Estudos Feministas**, 24(1), 45-62. (2016). Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p45>>. Acesso em: 15 de mai 2021.

PEREIRA, D. C. de S.; CAMARGO, V. S.; AOYAMA, P. C. N. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 10-25, 2018. Disponível em: <<http://rbtcc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/RBTCC/article/view/1026>>. Acesso em: 01 de mai. 2021.

PRADO, D.; SANEMATSU, M. **Femicídio: #Invisibilidade Mata**. Fundação Rosa Luxemburg. Instituto Patrícia Galvão. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://assets-institucional-igp.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2017/03/LivroFeminicidio_InvisibilidadeMata.pdf>. Acesso em: 01 de mai. 2021.

RODRIGUES, N. **Violência contra a mulher: quais os impactos psicológicos e sociais?** 2018. Disponível em: <<https://www.boavontade.com/pt/dia-dia/violencia-contra-a-mulherquais-osimpactos-psicologicos-e-sociais>>. Acesso em: 01 de mai. 2021.

SILVA. A. S; BARBOSA. G. S. S. Política criminal e Lei Maria da Penha: o deferimento do comparecimento do agressor a programas de recuperação e reeducação como a principal medida protetiva de urgência. **Revista de Criminologias e Políticas Criminais**, v. 3, n. 1, p. 78-97, 2017. Disponível em: <<https://www.indexlaw.org/index.php/revistacpc/article/view/1799>>. Acesso em: 02 de mai. 2020. .

SILVA.D.; SILVA. R. L. F. C. Violência contra as mulheres nos relacionamentos conjugais e a dependência emocional: fator que influencia a permanência na relação. **FINOM.V.1**, n.20, p.328-340.jan. /jun.2020. Disponível em:<http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/download/1008/727>. Acesso em: 01 de mai. 2021.

SOUZA, M. C. G.; SOUZA, T. M. C. Psicologia e políticas públicas de enfrentamento à violência contra mulheres: experiências de universitárias. **Psicologia Revista**, v. 28, n. 1, p. 125-149, 2019. Disponível em: <<https://ken.pucsp.br/psicorevista/article/view/37662/29435>>. Acesso em: 03 de mai. 2021.

SOUZA. D. C. **Relacionamento abusivos**: significados atribuídos por um rupo de jovens acadêmicos da UFAM. 2018. 81 f. (TESE) Dissertação Mestrado em psicologia- Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <Ttps://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6809/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o_DanielSouza_PGPSI>. Acesso em: 25 de mai. 2021.

STF, Supremo Tribunal Federal. STF proíbe uso da tese de legítima defesa da honra em crimes de feminicídio, **Notícias STF Brasília**. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=462336>>. Acesso em: 12 de março de 2021.

SUXBERGER, A.; FERREIRA, N. Políticas de intervenção no enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a mulher (Intervention Policies on Domestic Violence against Women). **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, v. 2, n. 1, p. 243-260, 2016. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2962668>. Acesso em: 03 de mai. 2021.

VINUTO, J. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas (UNICAMP)**, v. 44, p. 201-218, 2015. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>>. Acesso em: 19 de mai. 2021.

ZANATTA. M. A; FARIA, J. P. Violência contra a mulher e desigualdade de gênero na estrutura da sociedade: da superação dos signos pela ótica das relações de poder. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito** [Internet], v. 4, n. 1, p. 99-114,2018. Disponível em:

<<https://www.indexlaw.org/index.php/revistagsd/article/view/4209/pdf>>. Acesso em: 19 de mai. 2021.

APÊNDICE I

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Título: “Fatores que influenciam a permanência das mulheres em um relacionamento abusivo”

Nome da participante:

Idade:

Profissão:

Escolaridade:

Estado Civil:

Filhos:

1. Como foi o seu relacionamento?
2. Quanto tempo você permaneceu nesta relação?
3. O que você entende por relacionamento abusivo? Sabe descrever?
4. Em algum momento você percebeu ou considerou que essa era uma relação abusiva?
5. Refletindo sobre o seu relacionamento o que você percebe hoje que te mantinha nesse relacionamento? O que você acha que te ajudou a perceber esse relacionamento e a sair dele?
6. O que essa relação trouxe de bom e de ruim para você?
7. Quais eram seus sentimentos e pensamentos no período que vivenciou este relacionamento?
8. Você considera que sofreu algum tipo de agressão? Em caso de respostas positivas -> Você acha que essa situação te afetou de que maneiras?
9. Qual seu contato com essa pessoa atualmente?
10. Como você se sente atualmente?
11. Para mulheres que hoje vivem uma relação abusiva, o que você imagina que possa ser feito para ajudar essas mulheres saírem dessas relações?
12. Alguma consideração sobre o tema?